

Os assassinatos de dois índios e uma freira no Amazonas

GISELA DE OLIVEIRA

A morte de dois índios e uma freira, a atuação irresponsável da Funai na região de Lábrea, no Sul do Amazonas, os interesses na região por parte de grupos, de seringalistas e de órgãos federais são fatos que não podem passar despercebidos por aqueles que, de alguma forma, estão envolvidos com a luta pelo respeito aos poucos índios que ainda restam nesta paisagem.

A área acima citada é rica em recursos naturais, principalmente a castanha. O povo Apurinã vive hoje em pequenas aldeias localizadas ao longo de 500km do médio Purus. Sem garantia de terra, vivem em situação tragicamente insegura, mudando constantemente de região e pressionados por aqueles que tem interesses econômicos na região.

Mesmo sob pressão, os índios, a partir de 1979 começaram a apresentar resistência e a lutar pelas terras. Liderados pelo tucháua Agostinho, fizeram várias reuniões com líderes indígenas, cartas, denúncias e viagens foram feitas à Brasília, incomodando, e mais que isso, causando ódio àqueles que os queriam fora daquela área.

Na cidade, os comerciantes, seringalistas, castanheiros, apoiados pela Prefeitura, Câmara dos Vereadores, INCRA, Polícia, foram aumentando sua hostilidade contra os Apurinã e por aqueles que os apoiavam. A pessoa mais visada nesse processo era o tucháua Agostinho. A ordem era eliminá-lo.

Mas como fazê-lo? Naturalmente, nenhum desses interessados praticaria tal crime, pois além das implicações que isso poderia lhes trazer, estaria em jogo sua própria vida. Foi aí que eles se deram conta que para alcançar seus objetivos seria necessário instigar os próprios índios contra Agostinho; e quando necessário fornecer instrumentos e pagamentos pelo serviço.

OS ASSASSINATOS

Agostinho, temendo ameaças de morte e para evitar maiores confusões mudou-se com sua gente da aldeia do Caititu para o rio Pacia, distante uns 80km. As hostilidades e provocações, porém, não cessaram, e o clima de tensão foi aumentando.

Em março deste ano, um dos posseiros da área do Pacia, conhecido por Damázio, em atitude nitidamente provocativa convidou dois índios — Raimundo Podiven e Edivar — que mostravam reservas com relação ao apoio a Agostinho, para irem tirar castanha dentro da área delimitada. Isso sem sequer comunicar a Agostinho. Este último reteve a metade da produção, conforme acordo assinado pelos três tucháuas um mês antes. Para os posseiros isso foi motivo suficiente e pretexto imediato para as mortes que ocorreram poucos dias depois.

No dia 23 de abril, Raimundo Podiven, Apurinã, da aldeia de Arapaço, que fez o serviço militar em Manaus permanecendo 5 anos como soldado da Polícia tido como uma pessoa muito cal-

O sentimento da tribo diante da morte de um Apurinã



ma, subiu o Rio Pacia em companhia de dois outros índios, de nome Edivan e Lindomar. Dirigiram-se até a casa do tucháua Agostinho e lá chegando, e vendo alguém deitado na rede, Raimundo Podiven deu um tiro, pensando que ali se encontrasse Agostinho. Quem estava, porém, na rede era seu filho Arnaldo, de 17 anos. Em seguida, Raimundo atirou também na mãe de Arnaldo, mulher de Agostinho, matando ambos.

A notícia das mortes chega em Lábrea no dia 26, através de Edivan, que esteve presente no ato do assassinato.

Nesse Interim, Cleusa C. Rody Coelho, ou Irmã Cleusa, da Congregação das Irmãs Missionárias Agostinianas Recoletas de Lábrea e coordenadora do sub-regional PURUS do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Norte I, que já havia retardado sua ida ao Pacia, por motivos de doença do índio que iria acompanhá-la, preocupada em saber o que realmente havia se passado, providenciou outra pessoa para levá-la. Essa pessoa foi o genro de Agostinho, Raimundo Paulo.

Eles saíram de Lábrea no dia 27 numa canoa e pousaram naquela noite na casa de Agostinho. No dia seguinte, resolveram baixar o Pacia. Depois de algumas horas encontraram uma canoa que vinha subindo o rio. A Irmã pediu ao índio que parasse a canoa. Houve troca de tiros, na qual Raimundo Paulo saiu levemente ferido, conseguindo fugir.

A partir daí, não se teve mais informações sobre a freira, sendo quase assegurado, que ela teria sido morta nesse mesmo domingo, violentamente, tendo seu crânio, costelas e braços quebrados.

A equipe da Funai sabendo dos fatos chegou à região dia 30, integrada inclusive por Apoena Meirelles, agora superintendente da Funai em Brasília. A

polícia desde o primeiro momento em que foi solicitada, alegou ter recebido ordens do Comando de Manaus para não participar na apuração do caso.

O corpo da Irmã foi encontrado, porém, por um missionário e três voluntários em adiantado estado de decomposição. Temerosos da presença do assassino na região, eles não removeram o corpo, chamando a polícia para juntos saírem, com esse objetivo. Mais uma vez a polícia alega ter recebido ordens de Manaus para só se deslocar ao local do crime juntamente com a Funai, que viria pela manhã do dia seguinte à região.

No dia seguinte, como já se aproximasse das 11hs e a polícia não chegasse, a população e Frei Jesus começaram a pressionar insistentemente a polícia para que tomasse as devidas providências. Obrigados a ceder, os policiais se deslocaram ao local, reconheceram o corpo e foi constatada a fratura do crânio, de várias costelas e de um braço, além de vários tiros.

CIMI DENUNCIA

O Conselho Indigenista Missionário manifestou sua solidariedade aos companheiros que, assim como a Irmã Cleusa lutam em favor dos Apurinã na região de Lábrea. O CIMI acha que dificilmente serão esclarecidas as circunstâncias de sua morte, questionando ainda que interesses teria o jovem Apurinã Raimundo Podiven em cometer tais assassinatos, uma vez que se relacionava bem, com Agostinho e, em abril de 84, teria sido tratado pela freira durante uma enfermidade.

Egon Heck, do CIMI, responsabiliza órgãos, como a Funai devido à sua atuação nessas áreas, que tem sido de to-

tal irresponsabilidade, quando não de omissão e conivência. Ele destaca ainda a desastrosa atuação de Apoena Meirelles, que, além de fazer promessas não cumpridas, tanto aos índios como aos posseiros, chegou a propor a divisão da área em lotes individuais para os índios.

A polícia estadual também é acusada pelo CIMI de possuir rancor pelos Apurinã devido a alguns confrontos que os envolveu. Em carta de maio do ano passado, Irmã Cleusa dizia que a polícia havia ficado "bala" com ela, pelo fato dela ter defendido os índios na questão da castanha.

Nesse mesmo documento Egon Heck ainda afirma que os interesses políticos da Prefeitura e da Câmara dos Vereadores de Lábrea, que vem atuando nos moldes do coronelismo de barranco e continua assumindo posições discriminatórias e preconceituosas contra os índios, a serviço dos inimigos desses. Recentemente, o atual prefeito de Lábrea passou para o partido do Governador Mestrinho, conhecido pelas suas posições anti-indígenas, que chegou a afirmar várias vezes que os índios tem terra demais, assegurando assim maior cobertura para sua atuação.

É questionada ainda, nesse documento do CIMI a posição da "Nova República", no sentido da continuidade da política enganadora da Funai e na seriedade da apuração de fatos que levem a desvendar os atuais crimes.

O CIMI levanta ainda as seguintes questões:

— Os fortes indícios de que as mortes tenham sido premeditadas, inclusive com fornecimento de munição para o assassino.

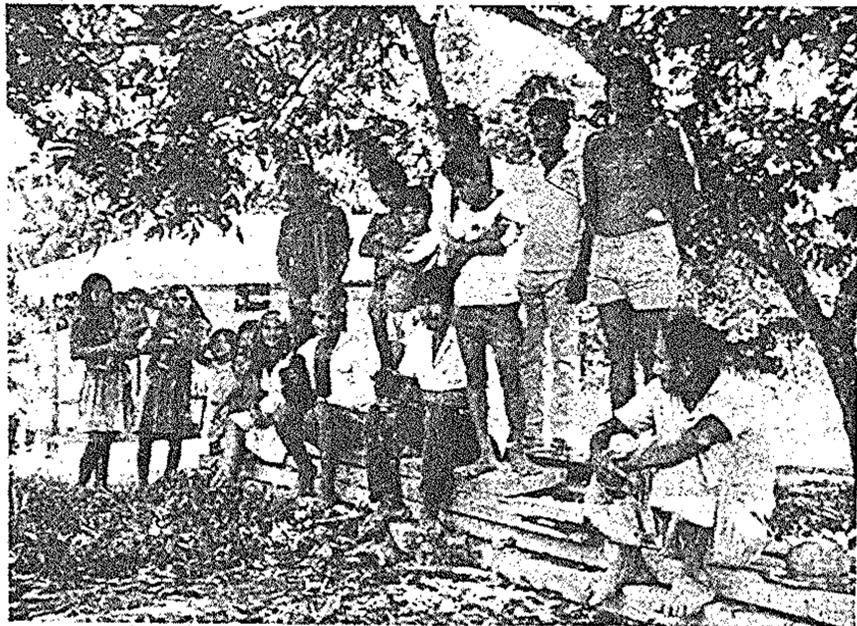
— A estranha, displicente e irresponsável atuação da Funai para o caso, que além da má vontade, tem assumido posições contraditórias dando a entender que se tratava de um simples caso de brigas internas entre os Apurinã.

— A posição da Polícia de Manaus, proibindo seus agentes a prestar os serviços que por lei lhes caberia.

— O fato dos assassinos continuarem transitando livremente pela cidade, e, quando indagados, ainda afirmarem estar com a total cobertura da polícia.

— A posição hostil e agressiva com relação aos índios por grande parte da população local.

Com relação ainda à morte da Irmã Cleusa, os missionários do CIMI declaram que "os desígnios de Deus são sempre insondáveis! Ela morreu procurando restabelecer a concórdia no meio dos Apurinã, divididos cada vez mais pela interferência dos castanheiros, e esse seu objetivo, temos a certeza de que será alcançado e a unidade deste povo dividido e empobrecido acontecerá".



Índios Apurinã da região de Lábrea